

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Hermes Alexandre de Oliveira

PRIMEIRAS NOÇÕES DE HIGIENE EM ATIVIDADES DURANTE O BANHO COM
CRIANÇAS DE DOIS ANOS

Belo Horizonte

2015

Hermes Alexandre de Oliveira

PRIMEIRAS NOÇÕES DE HIGIENE EM ATIVIDADES DURANTE O BANHO COM
CRIANÇAS DE DOIS ANOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação em Ciências, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Mairy Barbosa Loureiro dos Santos

Belo Horizonte

2015

Hermes Alexandre de Oliveira

**PRIMEIRAS NOÇÕES DE HIGIENE EM ATIVIDADES DURANTE O BANHO COM
CRIANÇAS DE DOIS ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação em Ciências, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Mairy Barbosa Loureiro dos Santos

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Mairy Barbosa Loureiro dos Santos– Faculdade de Educação da UFMG

Santer Matos– Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico este trabalho (in memoriam) de
Maria da Conceição de Oliveira, minha
amada mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me sustentou nos momentos mais difíceis me dando força e ânimo para continuar neste caminho.

À minha família e amigas: Alessandra, Arituza, Liliane e Mírian que me incentivaram em todos os momentos.

Minha orientadora Mairy Barbosa Loureiro dos Santos por sua sabedoria e paciência me conduziu em mais uma etapa na construção do conhecimento.

Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

Rubem Alves

RESUMO

Meu plano de ação foi desenvolvido em uma escola de Educação Infantil do município de Belo Horizonte. Versou sobre as primeiras noções de higiene em atividades durante o banho com crianças de dois anos na UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL (UMEI) Granja de Freitas. As atividades foram realizadas em sala de aula e durante o banho, onde as crianças participaram ativamente em ação e em diálogos. As funções dos produtos de higiene seus respectivos nomes e a importância do banho foram trabalhados com as crianças. Observou-se uma melhora na linguagem e nas atitudes de higiene das crianças após as atividades.

Palavras-chave: Higiene na Educação Infantil, linguagem, banho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: REFLEXÃO E MEMÓRIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA....	9
2. DESCRIÇÃO DO PLANO DE AÇÃO.....	13
2.1 Descrição da escola.....	13
2.2 Objetivo.....	13
2.3 Descrição das atividades.....	14
3. ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
4. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO: REFLEXÃO E MEMÓRIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Sou Hermes Alexandre de Oliveira, nasci em 07 de Outubro de 1969 em Belo Horizonte onde moro até hoje, sou de uma família simples, meus pais têm o antigo primário completo. Apesar deles terem frequentado pouco a escola, eles sempre me incentivaram a seguir em frente. Porém não pude ir muito longe, fui somente até a 5ª série do ensino fundamental.

Tive que parar de estudar para ajudar em casa. Só voltei a estudar novamente, com 25 anos de idade fazendo supletivo do 1º e 2º graus. Tive muita dificuldade com matemática, mas decidido a concluir o curso, estudei, com ajuda de um amigo, matemática com afinco. Com muita luta e estudando todos os dias consegui passar nas provas do supletivo. Agora eu já podia fazer um cursinho para tentar vestibular e ser um profissional da educação. Sempre tive vontade de fazer Pedagogia, ser pedagogo como o padre Natanael.

Outra vez estudei com muita vontade de passar no vestibular. Fiquei com muito medo de tentar vestibular na UFMG, principalmente por ter feito supletivo, achei que não conseguiria. Prestei vestibular para Pedagogia em Sete Lagoas, na Fundação Educacional Monsenhor Messias, no ano de 1999. Fui aprovado neste vestibular e comecei o curso no ano seguinte, já com trinta anos de idade. Era um mundo novo para mim, fiquei fascinado com tudo que vi na faculdade no primeiro dia de aula, tanto as aulas dos professores quanto o espaço físico e pensava, agora estou na faculdade, terei um curso superior e minha vida vai melhorar.

Todos os professores eram bons, mas a professora de filosofia era além do esperado. A cada aula de Miriam Campolina Diniz Peixoto eu ficava apaixonado e boquiaberto com tanto saber. Se ela tivesse me ensinado grego de trás para frente eu teria aprendido, de tanta admiração que até hoje eu tenho por ela.

Durante o período da faculdade, outro processo importante foi o estágio, pois era o momento aonde iria por em prática tudo que estava aprendendo na teoria, e vi o quanto este aprendizado nas escolas era importante para minha formação e, que eu teria que me dedicar muito para me tornar um profissional bem preparado para desempenhar minha profissão.

Eu tinha prazer nos estudos e acima de tudo sabia que a pedagogia exige muita responsabilidade e compromisso.

O objetivo deste trabalho é promover e ensinar hábitos e práticas de higiene para uma turma de dois anos de idade, incentivando-as a conhecer e a cuidar do próprio corpo, assim, as crianças com auxílio do professor, serão capazes de cuidar da sua higiene e concomitantemente, repassar esse aprendizado para a sua família.

É na infância e atualmente, por meio da escola, que a criança inicia o processo aprendizagem acerca do esquema corporal. Neste sentido, é fundamental que no momento que eu tenho que dar banho, usar o vaso sanitário, escovar os dentes, lavar as mãos ou na hora da alimentação eu preciso dos conteúdos específicos de ciências.

A questão que surge ao que se refere à experiência da minha ação pedagógica em sala de aula, relacionada ao ensino de Ciências e Cuidados com o corpo, é como ter base científica para que os alunos aprendam ciências através de uma linguagem simples e adequada a essa faixa etária.

A UMEI em que trabalho é considerada de alta vulnerabilidade social e a comunidade não tem acesso ao básico para sobreviver, muito menos conhecimento de ciências ou de higiene e cuidados com o corpo para ter uma vida saudável e plena, onde muitas vezes estas famílias têm apenas as crianças como agentes transformadores desse ambiente.

Quando vou dar banho nas crianças, percebo frequentemente, muita sujeira nas suas roupas e as meias e sapatos fedidos, também passo pente fino em seus cabelos e encontro muitos piolhos. Assim, durante o processo do banho, passo sabonete em seus corpos, esfrego bem os seus pés, lavo os cabelos com xampu e condicionador, e explico para as crianças o motivo de tomarem banho e lavar os cabelos todos os dias para mantê-los sempre limpos sem sujeira, mau cheiro e piolho.

Após o banho a criança sente-se feliz e relaxada, porém no outro dia, ela volta para UMEI com as mesmas roupas que coloquei nela no dia anterior, com aspecto que não tomou banho em casa, com remela nos olhos, pés e mãos sujos e com a fralda pesada de xixi e cocô aparentando não ter sido trocada a noite toda. Nesse sentido, o cuidar e educar que fazem parte da minha função de professor para a Educação Infantil não tem que ser direcionado apenas para as crianças que ficam o dia todo na UMEI, mas, para suas famílias também, que de certo modo não sabem ou não querem assumir a responsabilidade de cuidar e educar. Para tanto, preciso

adequar o estudo das ciências ao contexto no qual as crianças vivem, isto é, transformar teorias complexas das ciências em aprendizagem simples e significativa para as crianças, para que por meio dessas vivências de hábitos simples de cuidados e higiene aprendidos na UMEI, possam não apenas cuidar de si mesmas, como também, influenciar suas famílias com esse aprendizado.

A turma na qual atuo como professor é formada por dezesseis crianças de dois para três anos, sendo onze meninos e cinco meninas. Quatro crianças ainda usam fralda e doze crianças têm autonomia para irem ao banheiro, mas, às vezes, fazem suas necessidades fisiológicas na roupa ou no chão.

Algumas crianças expressam-se de forma clara e compreensiva, outras apenas balbuciam algumas palavras. Duas ainda usam chupeta para dormir.

O interesse e curiosidade que as crianças têm em aprender coisas novas é o principal motivador desta pesquisa, já que as crianças estão abertas a várias possibilidades de aprendizado. As crianças aprendem rápido o que as ensinamos e são capazes de comunicar, em casa o que aprendem na UMEI de forma simples e espontânea seja por meio da fala ou por imitação e além disso, fazer com que elas criem o cuidado com o corpo através de uma rotina lúdica e prazerosa.

Reconheço minhas limitações em trabalhar ciências com crianças de dois anos devido as suas complexidades. Como abordá-los com crianças pequenas sem que deixe de perder suas especificidades e teorias científicas.

A UMEI Granja de Freitas é um espaço privilegiado para o processo de socialização e aprendizagem das crianças do seu entorno. Pesquisas sobre o desenvolvimento infantil mostram que a escola exerce uma função preponderante no processo de aprendizagem da estrutura social no qual as crianças estão inseridas e para além dos muros da escola, favorecendo e potencializando as capacidades cognitivas, modificando de forma lúdica, a percepção que elas têm do contexto social em que vivem e seus desafios. A partir disso, percebo a necessidade de ampliar o conhecimento das crianças com relação aos hábitos de cuidados com o corpo, já que muitas vezes eles não têm essa vivência em casa, porém, respeitando a diversidade de valores éticos e morais das famílias, contribuindo com a formação de cidadãos atuantes e comprometidos com um mundo melhor e, que possam no futuro refletir e transformar suas vidas e de suas famílias de forma consciente.

Por ser um dos poucos homens que atuam na Educação Infantil nas UMEIS de

Belo Horizonte, percebo claramente o preconceito de gênero que as pessoas têm comigo lidando diretamente com as crianças, principalmente com as meninas. Para desempenhar a função de Professor Para a Educação Infantil, no que se refere ao cuidar e educar, me é incumbido assegurar que as crianças tenham suas necessidades básicas de higiene atendidas de forma adequada e, dentre essas atribuições, o banho, que faz parte da rotina de todo profissional da Educação Infantil.

Algumas mães da comunidade procuram a direção da UMEI para relatarem certo desconforto ao verem um homem cuidando e dando banho em suas filhas. Muitas mães dizem: “Não é certo homem trabalhar com criança, ele pode fazer mal para elas”, ou “Não gosto de homem dando banho em minha filha, com tanta mulher atoa aqui, tem que ser um homem para dar banho na minha filha, vou tirá-la da escola”. Mas, não é só esse tipo de situação que torna meu trabalho mais árduo.

Outra situação é implicar as famílias no processo de cuidar e educar, porque muitas delas acham que esse processo é responsabilidade apenas da escola. Não participam da vida escolar da criança e, também não cumprem a tarefa de cuidar das crianças em casa. Frequentemente vejo crianças negligenciadas por seus responsáveis como alimentação e hábitos básicos de higiene. E ainda, as próprias crianças que não gostam de tomar banho e dizem; “A minha mãe não deixa eu tomar banho”, ou ainda: “A minha mãe não deixa eu lavar o cabelo, eu já tomei banho”.

Mesmo com essas falas das crianças na hora do banho, que as mães já lhe deram banho, sinto um cheiro desagradável nas crianças e percebo que estão com a roupa suja e com o corpo sujo também. Diante disso, os principais aspectos das questões a serem abordadas é ensinar e estimular os hábitos de higiene pessoal e ensinar a importância dos cuidados com o corpo, da higiene para uma vida saudável de forma a favorecer o bem estar da criança promovendo a utilização dos objetos de higiene pessoal na hora do banho. Através dessa pesquisa pretendo estimular a curiosidade das crianças em relação ao autocuidado, porque muitos pais ou responsáveis já não têm tempo para cuidar e educar seus filhos antes que venham para a UMEI.

2-DESCRIÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

2.1 Descrição da escola

No ano de 2010 entrei para PBH como Educador infantil na UMEI Granja de Freitas. Esta UMEI surgiu a partir da adequação de um espaço inutilizado numa região de extrema vulnerabilidade, buscando atender as necessidades dos moradores relacionadas à educação e saúde. Deste modo, criou-se o posto de saúde e a escola de Educação Infantil.

A UMEI que trabalho é um espaços de formação plena da criança, e no desempenho das minhas funções, tento complementar a educação familiar, através da minha práxis, e ampliar o conhecimento das crianças, tendo como princípio, que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica que leva em seu bojo o processo de educar e cuidar de forma lúdica e prazerosa.

Nos meus planejamentos, o cuidar é parte central da minha ação educativa, e me exige conhecimentos e habilidades nas quais tenho que me aprimorar constantemente. Para tentar promover o desenvolvimento integral da criança, meu trabalho envolve os cuidados com o corpo e os cuidados com a saúde.

Para dar mais qualidade ao meu trabalho, preciso ter conhecimento científico do assunto e, por isso, estou fazendo este curso de pós-graduação em Educação e ciências.

Para eu atingir os objetivos do ensino de ciências com as crianças em relação aos cuidados e com a preservação da saúde de forma científica, é necessário que a minha prática esteja fundamentada em conhecimentos sólidos de ciências.

No cotidiano da UMEI é importante que eu ensine hábitos de higiene pessoal e saúde, porque as crianças necessitam ser ensinadas desde cedo, a fim de desenvolver sua conscientização e, para que sejam capazes de cuidar do próprio corpo de forma a promover sua saúde e autoestima, além disso, muitas vezes levando este conhecimento para as suas famílias, que de certa forma, também não sabem muito sobre saúde e cuidados com o corpo, considerando a importância da higiene para uma vida saudável.

2.2 Objetivo

Uma das minhas atividades na UMEI é dar banho nas crianças, estas têm idade entorno de dois anos. Nesta fase estão aprendendo a falar, aumentando seu

vocabulário e recebendo os primeiros estímulos para desenvolver sua autonomia.

A hora do banho é mais um momento para desenvolver tanto a linguagem quanto a autonomia. Além disso, o banho também é uma atividade privilegiada para relaxamento da criança e expressão de suas emoções como, por exemplo, brincadeiras, risadas, descontentamentos e cantorias.

O plano de ação foi utilizado para que os alunos adquirissem, através dos conteúdos de Ciências e de forma lúdica, hábitos de higiene e cuidados com o corpo. Antes da realização das atividades, tinha a expectativa de que as crianças fossem capazes de realizar com autonomia hábitos pessoais de higiene, saber os nomes dos materiais utilizados durante a higiene, para que servissem e também transmitir por meio da fala o que sentiam durante o banho.

2.3 Descrição das atividades

Os materiais que utilizei na prática foram: sabonete, xampu, água, condicionador, pente. Vídeo do Patati Patata: Chuveiro, chuveiro. Fiz uma roda de conversa e investiguei o que os alunos sabiam sobre o tema proposto. Perguntei: por que tomamos banho todos os dias? Quem gosta de tomar banho? Como é o banho em casa, é diferente do banho da UMEI? Para que serve cada material utilizado na hora do banho? Anotei as respostas dadas pelas crianças.

Utilizei os conteúdos de ciências para orientar as rodas de conversa com temas de higiene e cuidados com o corpo e expliquei para que serve cada material utilizado na hora do banho. As atividades foram feitas coletivamente na hora do vídeo, da roda de conversa e contação de histórias sobre hábitos saudáveis e foi individual na hora do banho.

Estimulei as crianças para que falassem sobre a hora do banho, seus sentimentos naquele momento, se gostaram ou não da sensação da água em seus corpos. Após essa etapa comparei as respostas dadas pelas crianças e as pedi que falassem do que elas mais gostaram no banho e, dessa forma, direcionei minhas intervenções pedagógicas para proporcionar para as crianças hábitos saudáveis, amparado pelas Ciências em uma perspectiva investigativa.

A forma de avaliação foi contínua durante a realização de todas as atividades apresentadas, onde observei as respostas das crianças, sua reação durante o banho, o desenvolvimento da fala com relação ao aprendizado dos cuidados com o corpo e higiene e se houve mudanças positivas em suas atitudes no cotidiano da

UMEI.

Descobrimos os conhecimentos prévios das crianças sobre o tema.

Através das rodinhas de conversa, sondei o que as crianças já sabiam sobre o assunto e fiz perguntas sobre higiene, como é o banho em casa e se é diferente do banho da UMEI. Deixei as crianças darem banho em um boneco e observei a forma como elas deram o banho e anotei o desenvolvimento da atividade, suas expressões, falas e sentimentos. Observei se lavaram todas as partes do boneco, cabeça, braço, pernas pés e partes íntimas.

Conversamos sobre: quem sabe para que serve o sabonete, o xampu e a água. Observei como elas exteriorizaram seus sentimentos com relação ao banho por meio de suas reações e falas.

Em sala passei o Vídeo com a música do Patati-Patata que diz:

Era um menino que não gostava

Pra tomar banho sempre chorava

Brincava muito o dia inteiro

E o no banheiro ele cantava

Chuveiro, chuveiro

Não faz assim comigo

Chuveiro, chuveiro

Não molha o seu amigo

Lave atrás das orelhas

E lave bem esse pé!

Lave também a poupança

Porquinho você não é!

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K0CqB737kj8>

Depois do vídeo, inicio a rodinha de conversa perguntando se eles gostaram do menino que não gostava de banho, as respostas foram as seguintes: A maioria das crianças disse que sim e, perguntei: O que vocês mais gostaram? Elas responderam: “Do Patati-Patata”. Duas crianças responderam que não gostaram “por causa do banho e da água”, e uma criança respondeu: “Não gosto de banho, já tomei banho na minha casa”.

A partir das respostas das quinze crianças, que nesta pesquisa têm nomes fictícios, percebi que o banho não é agradável para três crianças e perguntando por que elas não gostavam de tomar banho, Paula respondeu: “Aminha mãe não gosta que eu tome banho”. Ricardo disse: “rade(arde) o olho”, e An: “Eu não gosto de tomar banho por que minha mãe passa a escova forte no meu cabelo”. Esta é uma menina e tem o cabelo grande e crespo. Na UMEI ela não deixa de forma alguma que eu lave os seus cabelos e ela coça a cabeça o tempo todo. Cotidianamente eu passo pente fino no cabelo de todas as crianças, menos no dela. Desde o início do ano até agora, só consigo dar banho nela do pescoço para baixo e quando ela está distraída tento lavar-lhe o rosto. Para sondar o que as crianças sabem ou como elas explicam o conceito de higiene, inicio a pesquisa com quatro crianças que têm a linguagem mais desenvolvida.

Como é o banho em casa?

Nara: Com sabonete roxo, tomo banho sozinha.

An: Tomo banho sozinha com banheirinha.

Jo: Com sabonete amarelo assim “Através de gesto esfregou os braços”.

Matos: Com minha mãe assim “Através de gesto esfregou as mãos” ela lava roupa assim.

Como é o banho na escola?

Nara: Com sabonete a professora e o Hermes. Gosto de tomar banho em casa e aqui.

An: iii você, eu, minha professora.

Jo: Você “fez gesto esfregando a cabeça”.

Matos: Esfregando o corpo por gesto.

Por que tomamos banho todos os dias?

Nara: É porque a professora dá banho em todos.

An: A professora dá banho e você dá banho todos os dias.

Jo: Porque a gente tem que ficar sujo.

Matos: Porque os meninos ficam tomando leite com café e têm que tomar banho.

Para que serve o sabonete?

Nara: para lavar o rosto.

An: Para esfregar o corpo, a perereca.

Jo: Para lavar o Piu-Piu e o bumbum.

Matos: Para esfregar o Piu-Piu.

Para que serve o xampu?

Nara: Não sei.

An: Para lavar o cabelo.

Jo: No corpo.

Matos: Para lavar a cabeça.

Para que serve a água?

Nara: Para beber e pra tomar banho e lavar vasilha.

An: Para tomar.

Jo: Para tomar banho, água serve do rio.

Matos: Porque é para beber e lavar o cabelo.

Atividade do banho com o boneco



FIGURA 1 – Atividade na sala com as crianças dando banho no boneco

Fonte: acervo pessoal.

Coloquei uma banheira com água e, ao lado, o sabonete líquido, o de barra, o xampu e o boneco, para que as crianças dessem banho nele. As quatro crianças pegaram o boneco e o colocaram na banheira, em seguida pegaram o sabonete e iniciaram o banho por lavar a sua cabeça com xampu, depois pegaram o sabonete e começaram a esfregar os braços e pernas do boneco, tanto com o sabonete líquido quanto com em barra. Neste momento perguntei a eles, por que vocês estão lavando a cabeça do boneco?

An respondeu: Porque ela gosta.

Eu disse: você gosta de lavar o cabelo?

An respondeu: Não.

As quatro crianças se envolveram totalmente com o banho do boneco e lavaram rigorosamente todas as partes do boneco, outras que observavam foram

ajudá-las. Após esta atividade, pedi para Nara enxugar o boneco que começou por envolvê-lo com a toalha e secar-lhe os cabelos e o rosto, depois os braços, a barriga, pernas e os pés.

Conversando sobre o banho do boneco

Depois de experienciar o banho no boneco, perguntei às quatro crianças se elas tinham gostado de dar banho no boneco, elas responderam que sim. Diante disso, provoqueei-os, tentando acrescentar algo novo ao saber já consolidado por elas, e disse: Nós utilizamos o sabonete e o xampu para dar banho no boneco, faltou alguma coisa?

As crianças pensaram e não responderam nada.

Para fazer as crianças pensarem eu perguntei: Para que tomamos banho?

Nara respondeu: para ficar limpinho.

Em seguida sondei: Nós utilizamos o sabonete e o xampu para o banho do boneco, ficou faltando alguma coisa para colocar na banheira?

Eles pensaram, pensaram. Então Matos disse: faltou a água.



FIGURA 2- Rodinha de conversa em sala. Fonte: acervo pessoal

3 ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO

Com esta pesquisa em sala de aula, pude perceber que as crianças já tinham formado um conceito de banho, de sabonete e de xampu. Que muito provavelmente eu tinha ensinado para elas ou, talvez a família.

Elas não relacionavam a água com o banho. Através desse experimento de dar banho no boneco, utilizando os materiais necessários, Matos elaborou sozinho a hipótese de que não basta sabonete e xampu para tomar banho, mas que também precisamos da água para manter nossa higiene cotidiana. Neste sentido, concordo com Vigotskii:

Acaso as crianças não aprendem a linguagem dos adultos? Ao fazer perguntas receber respostas, não adquirem um conjunto de ações e informações dadas pelos adultos? Através do adestramento que recebe dos adultos, aceitando a sua condução nas suas ações, a própria criança adquire determinada gama de hábitos. Pela sua importância, esse processo de aprendizagem, que se produz antes que a criança entre na escola, difere de modo essencial do domínio de noções que se adquirem durante o ensino escolar. Toda via, quando a criança, com as suas perguntas, consegue apoderar-se dos nomes dos objetos que a rodeiam, já está inserida numa etapa específica de aprendizagem. Aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança. (Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Lev semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução Maria da Penha Villalobos.- Sao Paulo : Ícone, 2006) pagina 110)

Deste modo, a bagagem que as crianças trazem de casa e com a aprendizagem sistematizada da escola, aprendem que elas têm que tomar banho para ficarem limpas e, que para ficar limpo precisamos de sabonete, xampu e água para esfregar o corpo, assim, elas ampliam a linguagem sobre o conceito de banho e se apropriam dos nomes dos produtos usados para higiene e da necessidade de manter os cuidados com o corpo para terem saúde. Assim, as crianças por meio da observação, imitação e experimentação de hábitos saudáveis de higiene ensinados por adultos, conseguem apreender e reelaborar o que já sabiam e, deste modo, podem desenvolver a linguagem e aprender conceitos mais elaborados como aconteceu quando elas deram banho no boneco.

As crianças da UMEI, não gostavam de tomar banho, seja por causa de experiências ruins ou não gostavam da água e do sabão. Elas sabiam, no começo, que tinham que tomar banho todos os dias e não sabiam os nomes dos objetos usados para o banho, através do ensinamento cotidiano que recebeu dos

professores na UMEI, elas aprenderam por que têm que tomar banho todos os dias e os nomes do sabonete e xampu e ainda, mesmo que com certa dificuldade de pronúncia, passaram a falar condicionador, palavra que eles não conseguiam dizer e não sabiam para que servia.

Após iniciar esta atividade, percebi que as crianças passaram a dirigir suas ações com relação ao banho com mais desenvoltura e autonomia, pois elas mudaram seus hábitos e algumas pedem para tomar banho e, nesse momento, conseguem tirar os sapatos, as meias e a calça sozinhas, porém, ainda, não conseguem tirar a blusa sem ajuda.

Para saber o que as crianças aprenderam sobre higiene e cuidados com o corpo, eu as deixo mais a vontade sem muita intervenção e estou prestando mais atenção no que elas dizem e em suas ações na hora do banho, assim, pude perceber que elas adquiriram novas habilidades para utilizar o xampu para lavar os cabelos esfregando-os bem e enxaguando-os, em seguida usam o condicionador e já conseguem dizer que ele serve para deixar os cabelos macios, não confundindo mais o sabonete com o xampu ou o condicionador e usam o sabonete para esfregar o corpo.

Antes desta atividade, eles pegavam primeiro o condicionador e passavam no corpo ou no cabelo, porém, nem todos assimilaram a sequência de primeiro usar o xampu e depois o condicionador.

Depois de se apropriarem dos nomes dos objetos para higiene e adquirirem um conjunto de ações e informações, eles conseguiram dizer corretamente, sabonete, xampu, água e condicionador, além de explicar para que serve cada um deles e a utilizá-los de forma adequada.

Durante esse processo, o que me chamou mais a atenção, foi o fato da menina que chorava e gritava na hora do banho por que não gostava de lavar os cabelos, teve um desenvolvimento notável e não tem mais essas atitudes. Esta criança apresentou uma alta taxa de infestação de piolho em uma determinada ocasião, o que fez com que os cuidadores tivessem que adotar procedimento mais vigoroso na sua higiene. Diante dessa situação tivemos que lavar e passar remédio em sua cabeça todos os dias, através dessas ações e explicando para ela o motivo de lavar os cabelos todos os dias e mantê-los limpos para acabar com os piolhos, ela não chora mais e deixa lavar seu cabelo, pedindo para passar muito condicionador para

o cabelo ficar macio e não doer quando for pentear.

Quando pergunto para ela por que ela tem que lavar o cabelo, ela responde: Para tirar o piolho.

Durante o desenvolvimento desta atividade com as crianças pude refletir sobre a importância de planejar de forma lúdica o desenvolvimento da construção dos conceitos de higiene e cuidados com o corpo. Pois elas são inteligentes, curiosas e aprendem rapidamente. Nessa pesquisa de intervenção, com trabalho direcionado para a etapa específica da Educação Infantil com crianças de dois anos de idade, com conteúdos de Ciências, não foi fácil no começo, devido eu achar que a linguagem e os conteúdos de Ciências seriam inacessíveis para essa faixa de idade. Neste sentido, no começo da pesquisa, achei que as crianças pouco sabiam ou não sabiam nada a respeito do conteúdo de ciências, assim, concordo com o referencial curricular nacional para a Educação Infantil:

No trabalho com os conteúdos referentes às Ciências Naturais, por sua vez, algumas instituições limitam-se à transmissão de certas noções relacionadas aos seres vivos e ao corpo humano. Desconsiderando o conhecimento e as ideias que as crianças já possuem, valorizam a utilização de terminologia técnica, o que pode constituir uma formalização de conteúdos não significativa para as crianças. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil página 166.

Diante dessa realidade, cheguei a pensar que não conseguiria colocar minha pesquisa em prática, como ensinar conteúdos de Ciências, considerados como de difícil entendimento e com representações desfavoráveis, como sendo para o entendimento de poucos, para crianças que não têm o entendimento e a linguagem bem desenvolvidos. Neste sentido, de forma equivocada, e na tentativa de passar o conhecimento a qualquer custo para elas, comecei a utilizar uma linguagem mais tosca, entendendo que elas não aprenderiam os nomes dos produtos de higiene e os conceitos utilizados nas conversas na hora do banho. Assim nos alerta o referencial curricular nacional para a Educação Infantil:

Em muitas situações, também, o adulto costuma imitar a maneira de falar das crianças, acreditando que assim se estabelece uma maior aproximação com elas, utilizando o que se supõe seja a mesma “língua”, havendo um uso excessivo de diminutivos e/ou uma tentativa de infantilizar o mundo real para as crianças. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil pag 110

Após iniciar a disciplina do ACPP, passei a ter outra visão sobre o ensino de Ciências e como trabalhá-lo com crianças na Educação Infantil. Através dessa

matéria no curso de Educação e Ciências, pude aprender que podemos planejar uma nova concepção de educação, contribuindo para que as crianças compreendam os fenômenos que as cercam de forma simples e que criem conceitos adequados ao seu desenvolvimento. Neste sentido, a criança começa a construir conceitos a partir do que vivencia com seu corpo inteiro.

Através dos seus sentimentos e emoções as crianças adquirem novos conceitos e (re)significam o mundo de um jeito muito particular, sem que para isso, seja necessário palavras complicadas que não passam pelos seus sentidos, como nos alerta o curta *Sentimentário*, que foi realizado pelos estudantes do Curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas, a partir de um conto de Marina Miyazaki:

Outro dia eu senti um cheiro muito bom que eu já conhecia. Era o perfume de uma flor, da minha flor. Mesmo as que estão em outros jardins são minhas, mas isso é um segredo. E o nome da flor é Manacá, não é o Manacá da Serra, aquele grande e metido sem perfume, estou falando do pequeno. O cheiro é um botão que liga um filme na cabeça e faz lembrar um moonte de coisas. E eu descobri que tudo tem cheiro, menos as palavras que estão no dicionário. Quando eu procuro uma palavra no dicionário, eu acho chato, infinito chato, por que ele só mostra um o significado da palavra. Sabem o que estava escrito do Manacá?

Manacá – “arbusto solanáceo (*brunfelsia hopeana*), muito apreciado como ornamental para jardins e praças, indo a corola de esbranquiçada a azul...”

Eu achei uma coisa tão sem graça, esse jeito de falar do Manacá. Mas eu achei tão chato, tão chato, tão injusto.

Por que não escrevem a verdade? Que é uma flor linda, roxa, vai ficando lilás e depois branca, então o pé fica com todos os tons do lilás, espalha um perfume forte que vai longe e para dentro de casa. E nunca esquecer de escrever que o Manacá faz lembrar umas coisas tão boas e tão, tão gostosas, como se fosse uma máquina do tempo. Aquele era o cheiro do jardim da minha casa, era o cheiro do meu pai entrando em casa, da minha mãe me chamando, do meu irmão rindo beem alto, e eu me lembro até do fedô dele (fedô do irmão, não do manacá).

Então, todo mundo deveria ter um pé de Manacá enquanto é criança, ter um pé de Manacá depois de adulto nunca vai ser a mesma coisa, adulto não sabe aproveitar nada direito, não sabe nem fazer um dicionário.

Acho que eu vou fazer o meu dicionário com cheiro, risada, desenho, susto, medo, grito e tristeza de cada palavra. Vai ser um dicionário da história de todas as palavras. Eu vou fazer um *Sentimentário*.

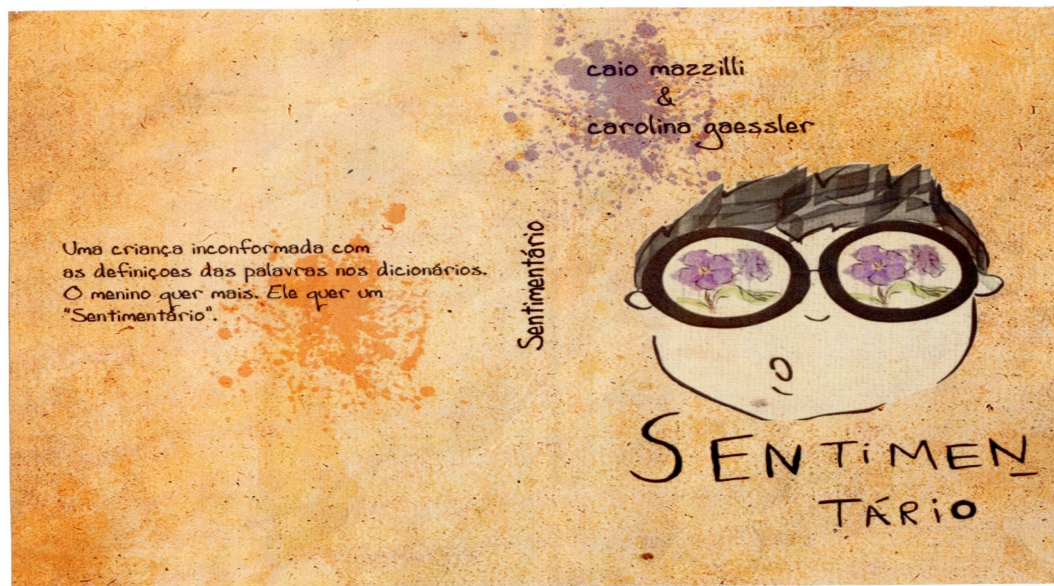


FIGURA 3- Capa do DVD Sentimentário Fonte:

<http://portacurtas.org.br/Elementos/10871/Sentiment%C3%A1rio.jpg>

Podemos transmitir para as crianças as linguagens sobre higiene na hora do banho, através de seus sentimentos e conceitos elaborados por meio de suas vivências, elas aprendem de forma lúdica a falar os nomes dos objetos de higiene e a utilidade de cada um deles com suas próprias palavras e a forma como estes objetos afetam suas vidas.

Esta pesquisa facilitou a ampliação do conceito pelas crianças e possibilitou a construção de conhecimentos sólidos de Ciências, respeitando o desenvolvimento de todas as crianças da turma.

Posso concluir, então, que através da reflexão da minha prática pedagógica, nesta pesquisa, que em situações intencionais de aprendizagem na UMEI, as crianças constroem conceitos e os ampliam, iniciando da forma mais simples e alcançando a cada novo estímulo, formas mais complexas, aproximando-os de uma linguagem científica e definições mais elaboradas que lhes acompanharão em toda sua vida escolar.

Percebi nesse processo de intervenção, que o contexto do ambiente de trabalho muitas vezes não favorece práticas adequadas às necessidades das crianças, devido às exigências da PBH quanto ao cuidar e educar.

Temos ainda tarefas burocráticas para desenvolver. Diante desta cena, soma-se também, a falta de profissionais para ajudar no cuidado diário com as crianças.

Enquanto nós educadores, somos vistos como um simples BM, isto é, Boletim de Matrícula, que significa o número que identifica o professor no sistema de ensino da prefeitura.

Na Educação Infantil, o rodízio dos professores é frequente, não atendendo a necessidade específica das crianças de determinada UMEI ou determinada turma, mas antes, atendendo a demanda da PBH por professores nas UMEIS como tapa buracos. Mesmo que uma professora já tenha começado um excelente trabalho comigo, ela é transferida para outra UMEI, porque na outra UMEI falta professora e ela é apenas reserva técnica.

Muitas vezes, quando estou compartilhando a sala com outra professora, para me ajudar a dar banho, realizar as tarefas cotidianas ou atividades para o portfólio, ela é simplesmente retirada da sala para cobrir a falta de outro professor na mesma UMEI e acabo sozinho, pedindo ajuda a outra professora que está no parquinho com sua turma, peço a ela que olhe a minha turma, para eu trocar fralda de uma criança, dar banho ou qualquer eventualidade que apareça e, atrapalhe minha função de cuidar e educar.

É impossível, sozinho realizar um trabalho de qualidade e que seja significativo para as crianças. As crianças do integral, que ficam o dia inteiro na UMEI precisam de um trabalho diferenciado, que atenda todas as suas necessidades. Por meio dessa intervenção fica muito claro que as crianças aprendem, mas é preciso mais professoras em sala durante o ano inteiro.

Outra situação problema é o pouco ou nenhum envolvimento das famílias com a educação e o cuidado com as crianças, seja em casa ou sua participação na vida escolar de seus filhos. Muitas vezes as famílias não têm muito conhecimento da real dimensão do por que matriculam seus filhos na UMEI e, se os pais sabem a verdadeira função social da escola de Educação Infantil para o desenvolvimento pleno de seus filhos.

Muitos pais desconhecem a complementaridade família/escola. A escola precisa criar mecanismos, acessíveis à comunidade, da importância de se construir uma educação infantil que promova o desenvolvimento das crianças em todas as suas dimensões, de forma que família/escola se complementem, transformando-se

se na base sólida para o desenvolvimento da criança.

Para o bom desenvolvimento das crianças e uma educação de qualidade não podemos deixar de lado o binômio educar e cuidar, contemplando uma educação infantil com participação da família articulada com a escola, envolvendo diálogos que implica de forma clara o papel específico da escola e o da família no sentido de potencializar o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido a lei diretrizes e bases da educação nacional nº 9.394/96, art. 29 nos alerta:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Percebo às vezes, que para as famílias, a UMEI é apenas um depósito de crianças onde eles as deixam para que não fiquem na rua, tenham um lugar para comer, tomar banho e para as “tias” ou “tios” tomarem conta das crianças e, que estas possam ficar o dia todo em segurança.

Enquanto muitas mães têm que trabalhar ou até mesmo pais que não têm nenhum tipo de renda e têm na UMEI a única forma de conseguirem alimentos para seus filhos acabam, com isso, deixando escapar os aspectos físico, psicológico, intelectual e social do desenvolvimento infantil integral. Assim, as proposições Curriculares para a Educação Infantil nos chama atenção:

O atendimento institucional às crianças de zero a cinco anos, em espaços coletivos, designados creches, surgiu a partir da necessidade de se reverter o grande índice de mortalidade infantil, oferecendo, a este público, lugar seguro, alimentação, higienização e melhores condições de saúde. Posteriormente, a oferta deste atendimento se justificou pela demanda das famílias, cujas mães precisavam trabalhar fora do lar.

Muitos pais não se preocupam com o conhecimento que é transmitido aos seus filhos, da importância da Educação Infantil para o futuro de suas vidas no espaço escolar. Não se preocupam ou às vezes, não têm estudo ou conhecimento para lutarem por uma educação de qualidade.

Nas reuniões que a UMEI faz para informar aos pais sobre a função da escola, o que as crianças estão aprendendo e o cidadão que queremos formar, quase não temos frequência da família nesse espaço criado para articulação família/escola.

Segundo as Proposições Curriculares para a Educação Infantil ainda falta muito por fazer nessa relação bilateral:

A falta de clareza sobre o papel da Educação infantil e sua importância para o desenvolvimento integral das crianças também é outro desafio a ser enfrentado pelos profissionais que atuam nesta etapa da Educação Básica. Muitos pais ou responsáveis, bem como diversos setores da sociedade civil, ainda acreditam que a função educativa da Educação infantil é algo secundário. Pensam nesta etapa da educação como um mecanismo de guarda das crianças que serve às famílias como possibilidade para a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Em muitos casos, as famílias não têm clareza da importância de seu papel no processo de articulação e construção conjunta de visão propostas visando assegurar a complementaridade das ações entre família e escola no processo de desenvolvimento das crianças, conforme define o art. 29 da LDBEN 9.394/96; (Proposições Curriculares para a Educação Infantil - Desafios da Formação - vol 1) pag. 15. http://issuu.com/geel/docs/prop_curr_-_vol_1/17?e=1481196/6326854.

Outra disciplina que me deu base para perceber a enorme importância do professor como mediador na construção da identidade das crianças, foi Currículo: Teorizações e políticas. Aprendi que o currículo vai além da educação sistematizada, pronta e acabada. Desse modo, podemos melhorar a qualidade de vida dos alunos através de uma educação que não seja excludente, que respeite todas as crianças e, para isso, nosso trabalho precisa de constante reflexão e ação e se torna um modo muito eficaz de criar subjetividades sem preconceito, seja na escola ou fora dela.

Com esta disciplina, terei ferramentas para ser um professor mais reflexivo sobre minhas práticas pedagógicas e que modelo de educação por em prática, formando cidadãos comprometidos com as novas demandas sociais e que sejam pensadores capazes de mudar os seus entornos para uma vida mais plena.

A criança deve ser o centro do planejamento curricular, respeitada com sujeito histórico e de direitos. Assim ela se desenvolve por meio das interações, relações e experiências cotidianas disponibilizadas e estabelecidas com professores e crianças no contexto que está inserida.

Devemos observar a maneira como a criança se alimenta, os hábitos para dormir, se ela interage com outras crianças, se é quieta, como reage as entonações de voz e contatos corporais que ela experiencia com os adultos, o modo de se vestir, os espaços que costuma ficar e os objetos que manipula, são elementos importantes da história de seu desenvolvimento dentro da sua cultura e que não pode ser negligenciado na construção do currículo.

A atividade que planejamos para as crianças não deve se limitar apenas a introdução de elementos da cultura, mas aos conceitos e experiências que adquirem

através de diferentes linguagens, que ampliam seu desenvolvimento nas diversas áreas, afetiva, cognitiva, corporal e social. Assim a criança tenta compreender a si mesma e o mundo que a cerca, verificando de algum modo os conceitos e significações que constrói, adequando-os sucessivamente a cada interação, seja na relação com as pessoas ou com os objetos.

Para fazer esta atividade com outra turma eu começaria no início do ano, com ajuda de outros professores ampliando-a no sentido de sistematizar melhor o processo visando a valorização do banho e do corpo, das emoções tornando o banho mais divertido com mais trabalhos lúdicos desenvolvendo também a linguagem e a coordenação motora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> pag 110

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> pagina 166.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96** – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Lev semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução Maria da Penha Villalobos.- Sao Paulo: Ícone, 2006)

Promoção da saúde e educação infantil: **caminhos para o desenvolvimento**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2003000300002> .

Proposições Curriculares para a Educação Infantil-Desafios da Formação - vol 1. Fonte: http://issuu.com/geel/docs/prop_curr_-_vol_1/17?e=1481196/6326854

vídeos

Chuveiro, chuveiro - Patati Patatá: acessado em novembro de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K0CqB737kj8->

Sentimentário: acessado em novembro de 2014. disponível em: <http://felicivolkweis.blogspot.com.br/2012/02/sentimentario-bem-mais-que-um-curta.html>